

SOBRE A SAUDADE DE UM RIO: PERDAS SIMBÓLICAS DOS RIBEIRINHOS DO TOCANTINS

On missing a river: Symbolic losses of riverine populations from Tocantins

Sobre la nostalgia de un río: pérdidas simbólicas de los ribereños del Tocantins



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Bruno Mendes de Jesus^{*1}, Marina Haizenreder Ertzogue²

¹ Professor da Educação Básica, Graduado em História pela UFT – Câmpus de Porto Nacional, Tocantins, Brasil.

² Professora do curso de História da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Porto Nacional, Tocantins, Brasil.

*Correspondência: Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Palmas, Av. NS 15, 109 Norte, Palmas, Tocantins, Brasil. CEP:77.010-090. E-mail: brunomendesto@gmail.com

Artigo recebido em 30/08/2018 aprovado em 21/09/2018 publicado em 31/10/2018.

RESUMO

Nos últimos anos, a expansão de empreendimentos hidrelétricos no Brasil, em especial na Região Norte, vem acarretando perdas irreversíveis para as populações ribeirinhas em virtude do deslocamento compulsório que resulta na ruptura dos laços de vizinhança das comunidades atingidas. Os objetivos da pesquisa foram registrar as perdas simbólicas e os “saberes tradicionais” da comunidade ribeirinha do rio Tocantins, no entorno do município de Porto Nacional (TO), uma década depois da formação do reservatório da UHE Luís Eduardo Magalhães (Lajeado), analisando a trajetória de deslocamento e reassentamento de algumas famílias e buscando compreender a dinâmica das populações ribeirinhas com o rio e o que essa população qualifica como perdas simbólicas. Utilizou-se pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa de campo para a coleta de dados, com entrevistas semiestruturadas em História Oral. Através da coleta e análise dos dados, constatou-se que as perdas, tanto materiais quanto simbólicas, foram suficientes para deixar as comunidades ribeirinhas em condições socioeconômicas precárias, pois perderam meios e modos de vida, suas relações de vizinhança e laços familiares, o lugar vivido e construído socialmente e a paisagem cultural construída ao longo da convivência com o rio. Numa perspectiva humanista, entende-se que é preciso priorizar os saberes tradicionais e o modo de vida dessas populações.

Palavras-chave: memórias, perdas simbólicas, hidrelétricas

ABSTRACT

In recent years, the expansion of hydroelectric projects in Brazil, especially in the Northern Region, has led to irreversible losses to the riverine populations due to the compulsory displacement, which results in the rupture of the neighborhood ties of the affected communities. The aims of the research were to record the symbolic losses and "traditional knowledge" of the riverine community from Tocantins river, near the municipality of Porto Nacional (TO), a decade after the formation of the Luis Eduardo Magalhães HPP reservoir (Lajeado), analyzing the trajectory of displacement and resettlement of some families and seeking to understand the dynamics of riverine populations with the river and what this population qualifies as symbolic losses. We used bibliographic, documentary and field research to collect data, with semi-structured interviews in Oral History. Through the data collection and analysis, it was verified that both material and symbolic losses were enough to leave the riverine communities in precarious socioeconomic conditions, since they lost means and ways of life, their neighborhood relationships and family ties, the place they lived and socially built and the cultural landscape built along the coexistence with the river. From a humanist perspective, it is understood that it is necessary to prioritize the traditional knowledge and way of life of these populations.

Keywords: memoirs, symbolic losses, hydroelectric power plant

RESUMEN

En los últimos años la expansión de emprendimientos hidroeléctricos en Brasil, en especial en la Región Norte, viene arrastrando pérdidas irreversibles para las poblaciones ribereñas en virtud del desplazamiento compulsivo que resulta en la ruptura de los lazos de vecindades de las comunidades atingidas. Los objetivos de la pesquisa fueron registrar las pérdidas simbólicas y los “saberes tradicionales” de la comunidad ribereña del río Tocantins, en el alrededor de la ciudad de Porto Nacional (TO). Una década después de la formación del reservatorio de la UHF Luis Eduardo Magalhães (Lajeado), analizando la trayectoria del desplazamiento y reasentamiento de algunas familias, buscando comprender la dinámica de las poblaciones ribereñas con el río lo que esa población califica como pérdidas simbólicas. Se utilizó pesquisa bibliográfica, documental y pesquisa local para la colecta de los datos, con encuestas seme estructuradas en Historia Oral. A través de la colecta análisis de los datos, se constató que las pérdidas, tanto materiales cuanto simbólicos, fueron suficientes para dejar las comunidades ribereñas en condiciones socioeconómicas precarias, pues perdieron medios modos de vida, sus relaciones de vecinos y lazos familiares, el lugar vivido y construido socialmente y el paisaje cultural construido a lo largo de la convivencia con el río. En una expectativa humanista, se entiende que es preciso priorizar los saberes tradicionales y el modo de vida de esas poblaciones.

Descriptor: memórias, perdas simbólicas, hidroeléctricas

INTRODUÇÃO

Para a execução de empreendimentos hidrelétricos de grande impacto ambiental e social, justificados como obras de interesse nacional, as famílias em terras atingidas por barragens são removidas, independentemente da titulação que possuam. As “diretrizes ambientais para projeto e construção de barragens e operação de reservatórios”, documento da Secretária de Infraestrutura Hídrica do Ministério de Integração Nacional (2005), reconhecem que a remoção involuntária para outro local acarreta custos sociais, entre eles os custos associados à desestruturação de laços de vizinhança. Contudo, os custos sociais por deslocamentos forçados vão além da desestruturação de laços de vizinhança. O deslocamento forçado provoca, sobretudo, mudanças no modo de viver e de se relacionar com a natureza.

Fragmentos de histórias de vida de populações desterritorializadas por grandes empreendimentos hidrelétricos estão publicados em livros, teses e periódicos acadêmicos. O tema permanece atual, principalmente na região Norte, onde estão projetadas grandes barragens. Ao juntar esses fragmentos, como um caleidoscópio que precisa de todos os pedaços que o compõem, é evidente a perda para a História.

Uma das imagens mais recorrentes na memória das comunidades atingidas por barragens é o afogamento da história. Nessas recordações, encontramos um elo para reflexão: a problemática dos lugares desaparecidos como algo que afeta não só uma comunidade que perde seu vínculo com o rio e a vivência, bem como o passado de imenso valor afetivo; as perdas vão além dos lugares: são também perdas culturais e simbólicas.

De acordo com TUAN (1981), o que se entende por perdas simbólicas são relações de afetividade com o lugar construído, a casa, seu entorno, a natureza e os saberes tradicionais. Quando uma comunidade ribeirinha é desapropriada desses espaços, o valor simbólico ou cultural não é considerado objeto de indenização. Outro exemplo de perdas simbólicas são as dissoluções dos laços comunitários que se perdem em casos de deslocamentos forçados por obras de barragens e remoção das famílias.

Por muito tempo os historiadores ambientais orientaram suas pesquisas tendo como prioridade o registro de desastres ambientais ao longo da história da humanidade. Todavia, Simon Schama demonstra que "ao longo dos séculos, se formaram hábitos culturais que nos levaram a estabelecer com a natureza uma relação outra que não a de simplesmente esgotá-la até

a morte" (BITTENCOURT apud SCHAMA, 1996, p. 29).

Numa perspectiva da relação entre a vivência com o rio e a natureza está a memória. O motivo que nos estimulou a fazer este estudo decorreu, sobretudo, do interesse de resgatar as vivências das comunidades tradicionais na perspectiva da história ambiental ou, simplesmente, de contar histórias de lavadeiras e pescadores da vida à beira do rio e, assim, contribuir para estender a relação entre comunidade e natureza e suas perdas simbólicas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Tocantins com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A área de execução da pesquisa está localizada no município de Porto Nacional (TO), que possui 4.449 km² de extensão e situa-se na parte leste do Estado do Tocantins, na Mesorregião Oriental Tocantinense, trecho médio do rio Tocantins. A comunidade ribeirinha, antes da formação do lago da UHE Luís Eduardo Magalhães, vivia nas margens do rio Tocantins, nas proximidades das corredeiras de Carreira Comprida, Pinheirópolis e no Distrito de Luzimangues.

O grupo estudado é composto preferencialmente por homens e mulheres idosos, ribeirinhos removidos pelo empreendimento da UHE Luís Eduardo Magalhães, localizado no Estado do Tocantins entre os municípios de Lajeado e Miracema do Tocantins. A comunidade que foi deslocada da beira do rio Tocantins foi reassentada no município de Porto Nacional, em Luzimangues e Flor da Serra.

Um dos objetivos da pesquisa foi analisar, na perspectiva da história ambiental, o registro dos saberes e vivências das populações ribeirinhas do rio Tocantins que, deslocadas para reassentamentos, perderam o

contato e a proximidade com o rio após a construção da UHE Luís Eduardo Magalhães.

Para a realização das entrevistas, foi usada a metodologia da história oral com a técnica de história de vida, em que a vida do colaborador é entendida como instância reveladora das experiências cotidianas e culturais (MEIHY, 2006). Segundo Thompson (1992), os projetos elaborados com esse método podem proporcionar aos participantes grande interação social e relações de amizade nas quais os entrevistados podem “rememorar a própria vida e fornecer informações valiosas a uma geração mais jovem” (THOMPSON, 1992, p. 33).

A identificação dos entrevistados que participaram da pesquisa se deu por meio da técnica “amostragem em bola de neve” (BIERNACKI; WALDORF, 1981) ou “cadeia de informantes”, termo utilizado com muita frequência no Brasil. Pelo desconhecimento dos reassentamentos a serem estudados, essa técnica tornou-se importante, pois através do primeiro colaborador conseguimos acesso às demais famílias que colaboraram com a pesquisa.

Diferentemente dos questionários estruturados ou semiestruturados, a técnica de história de vida demanda um tempo grande para a pesquisa e a transcrição dos depoimentos, que foram antecedidas por roteiros com temas apresentados aos entrevistados mediante documento de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e autorização de uso das entrevistas e imagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa centrou-se em dois reassentamentos rurais construídos pela Investco, empreendedor da UHE de Lajeado: o reassentamento Flor da Serra, distante 26 quilômetros do centro da sede de Porto Nacional, e Luzimangues, localizado no distrito de Luzimangues, a 109 quilômetros do centro da sede de Porto Nacional.

Segundo os moradores do reassentamento Flor da Serra, remanescentes das comunidades Carreira Comprida, Vila Pirraça e Pinheirópolis — cerca de 40 famílias viviam no reassentamento quando a pesquisa foi realizada (2016) —, a má qualidade da terra, o isolamento da região, a dificuldade de adaptação, a burocracia para obter créditos rurais e dificuldade de acesso às tecnologias agropecuárias foram fatores que provocaram o deslocamento dos reassentados para a zona urbana de Porto Nacional e cidades vizinhas.

Fizemos dois empréstimos no banco para comprar produtos químicos, essa terra é ruim, é seca, quase não chove, temos problemas de falta de água e fica difícil manter a plantação sem produto químico, cavamos um poço para ajudar na irrigação, quando ele secou a gente parou de plantar. Era muita despesa, até hoje estamos pagando os empréstimos. Muitos vizinhos foram embora por causa das dificuldades, se a gente não pode plantar para comer, como vamos sobreviver? Quem tem coragem e condições saiu daqui, vende as terras, já estou velho para isso. Meus filhos trabalham na cidade, agora estou criando galinhas, patos, e dessa forma a gente vai sobrevivendo.¹

Nota-se pela fala do senhor Tomé que a remoção dessas famílias por causa das obras da barragem não oportunizou a recondução do seu modo de vida e tampouco garantiu as condições básicas para manutenção das famílias no reassentamento.

“O trabalhador abandona a zona rural quando percebe que não pode melhorar de vida, isto é, que a sua miséria é uma condição permanente” (ALVES et al., apud DURHAN, 1985, p. 31).

O reassentamento Flor da Serra é cercado de grandes fazendas, com estrutura precária, ruas sem asfalto e sem iluminação pública. As residências possuem acesso à energia elétrica e água encanada, no entanto os moradores pagam apenas o consumo de energia elétrica. Possui uma unidade básica de saúde, que recebe um médico apenas uma vez por mês, e uma escola municipal.

Com o passar dos anos, os moradores foram adaptando as suas casas de acordo com suas necessidades, construíram igrejas, pequenos comércios e um centro comunitário. Estão organizados por meio de uma associação, fundada em 19 de junho de 2002, e sua atividade principal é a defesa dos direitos sociais das famílias que moram no local. De quatro em quatro anos, eles elegem um representante.

Figura 1: Reassentamento Flor da Serra, zona rural de Porto Nacional – TO.



Fonte: Arquivos do autor, pesquisa de campo, 2016.

O reassentamento rural de Luzimangues está localizado no distrito de Luzimangues, no município de Porto Nacional, às margens da TO-080, km 12. De acordo com informações dos moradores, o reassentamento abriga cerca de 83 famílias oriundas de pequenos vilarejos e fazendas que margeavam o rio Tocantins, como as comunidades de Vila Graciosa (Vila da Balsa), Sapezal, as fazendas Ribeirão do Maia, Mutuca, a Vila Luzimangues etc.

O reassentamento de Luzimangues sofreu diversas modificações em seu espaço devido à forte especulação imobiliária no distrito, atrelada à larga criação de setores planejados. Ilhados, os reassentados tiveram que se adaptar à rotina imposta pelos ideais do “progresso e desenvolvimento”.

Ao visitar o reassentamento, verificou-se que o lugar é isolado e necessita de melhorias em sua estrutura. As ruas são parcialmente asfaltadas, mas a população possui acesso à energia elétrica e água encanada. A comunidade dispõe de uma escola,

¹ Trecho da entrevista com o senhor Tomé F. da Rocha, concedida ao pesquisador Bruno Mendes, em 26 fev. 2016.

unidade básica de saúde e pequenos comércios. Outro fator observado foi o difícil acesso ao transporte público para deslocamento no distrito e para ir à capital, Palmas. Os problemas ocasionados pela ausência do poder público incentivaram os moradores a se organizarem por meio da Associação dos Chacareiros e Moradores do Reassentamento de Luzimangues.

Figura 2: Reassentamento Luzimangues, Distrito de Luzimangues em Porto Nacional – TO.



Fonte: Arquivos do autor, pesquisa de campo, 2016.

O contato com as famílias impactadas pela construção da UHE de Lajeado permitiu conhecer a relação que elas tinham com o rio Tocantins, e isso foi demonstrado em suas narrativas. Relataram sobre o profundo significado e o simbolismo que a natureza tem em suas vidas. O rio é pensado como lugar de afetividade, lugar da experiência de cada um, lugar vivenciado pelos seus habitantes. O lugar, portanto,

é constituído a partir da experiência que temos deles. Nessa experiência está expressa uma relação, sobretudo afetiva, emocional, simbólica e mítica com o lugar (NOGUEIRA, 2001, p. 43).

Ao analisar os impactos simbólicos, na perspectiva das relações de topofilia — entenda-se por topofilia o sentimento de afeto pelo lugar vivido (TUAN, 1980) —, percebe-se, na fala das populações desterritorializadas pela construção da UHE Luís Eduardo Magalhães, que o rio Tocantins é representado como um lugar de afeto e pertencimento.

São memórias permeadas pela saudade de um espaço que já não existe mais e ganham contornos de gênero, não somente por serem lembradas por mulheres, mas, principalmente, por se reportarem a lugares e tempos que, costumeiramente, são

definidos nas relações como próprios de mulheres (PARENTE, 2013, p. 101).

Ao depararmos com a realidade dos moradores dos reassentamentos Flor da Serra e Luzimangues, percebemos as perdas materiais e imateriais causadas pela barragem. As perdas simbólicas, impossíveis de serem recompensadas, estão presentes nas narrativas das famílias impactadas pela UHE de Lajeado. Na fala do senhor Tomé, é possível compreender a relação do ribeirinho com o rio e a relação de topofilia (TUAN, 1980), uma ligação de pertencimento ao lugar, no caso, nas lembranças de Carreira Comprida:

Morei na Carreira Comprida desde criança até a construção da barragem. Foram 65 anos morando naquele lugar. Gostava muito de cuidar dos gados, andar de cavalo e plantar. Com as vazantes não tínhamos problemas de seca como aqui, plantávamos de tudo [...]. Chegou um pessoal lá em casa dizendo que a gente tinha que sair de lá porque a região ia alagar. Pensa no aperto no coração em ter que deixar tudo.²

A fala da senhora Joaquina expressa esse sentimento topofílico, definido como um elo afetivo entre a pessoa e o ambiente físico: “Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p. 5).

O rio dava tudo o que a gente precisava, tudinho mesmo. No meu quintal tinha muita fruta, plantava quiabo, batata doce, abóbora, mandioca, fumo, pimentas, maxixe, tudo isso eu tinha lá, [...] parte era para consumo próprio e outra parte a gente vendia na feira. Outra coisa que eu adorava fazer era pote de barro, menino, era cada pote lindo que eu fazia. [...]. Minha casa era muito arejada e quando fazia calor colocava uma cadeira dessa na frente de casa e olhava a paisagem, só o vento acabava o calor. Nossa casa era rodeada de árvore, sombra boa [...]. Lavava no riacho junto com minhas vizinhas, era muito bom.³

O rio, além de ser o lugar de pertencimento, também “dava tudo o que gente precisava”. Na fala de Joaquina, o rio Tocantins era também provedor, como também demonstra a fala de Deuzimar: “O rio alimentava a gente”.

² Trecho da entrevista com o senhor Tomé F. da Rocha, concedida ao pesquisador Bruno Mendes, em 26 fev. 2016.

³ Trecho da entrevista com a senhora Joaquina C. de Oliveira, concedida ao pesquisador Bruno Mendes, em 26 fev. 2016.

Figura 3: Entrevista com a Senhora Deuzimar, reassentamento Flor da Serra.



Fonte: Arquivos do autor, pesquisa de campo, 2016.

É sobre essa sensibilidade que nos fala TUAN (1980, p. 107): o deleite ao sentir o ar, a água, a terra. “Mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, *locus* de reminiscências, e o meio de se ganhar a vida”.

O rio alimentava a gente, cuidava da gente, nada nos faltava. Tínhamos nossa plantação nas vazantes, eu plantava de tudo, tudinho mesmo; Aqui (reassentamento Flor da Serra) sofremos com a seca, essa terra daqui é ruim para plantar e com a falta de chuva tudo morre. Meu marido era pescador e no período de praias a gente aproveitava e montava uma barraca na ilha e lá ficava até terminar a temporada. [...] Além de fazer pote, lavava roupas na beira do rio sempre que precisava, nada faltava, era uma vida de fartura.⁴

Segundo Bregagnol e Rothman (2014), as comunidades tradicionais impactadas pelos empreendimentos hidrelétricos

[...] perdem o investimento feito por uma ou várias gerações na propriedade, a tranquilidade do espaço vivido e construído socialmente, o sentido de “lugar”, seus valores e a identidade individual ou social. Além disso, observam-se perdas sociais e simbólicas, ou seja, a ruptura das relações de vizinhança, de parentesco, de comunidade, assim como as perdas de bens culturais (BREGAGNOLI; ROTHMAN, 2014, p. 4).

Em relação aos reassentamentos de Flor da Serra e Luzimangues, as negociações realizadas com a Investco e o poder público foram positivas nos anos iniciais. Entretanto, quando essa assistência cessou, o impacto foi muito grande para os reassentados.

⁴ Trecho da entrevista com a senhora Deuzimar P. de Carvalho, concedida ao pesquisador Bruno Mendes, em 06 mar. 2016.

A construção da UHE de Lajeado, além de acarretar perdas materiais, gerou o sofrimento provocado pela certeza da perda da paisagem. Simon Schama (1996, p. 17) diz que toda paisagem é obra da mente: “Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas”. A paisagem não é apenas o visível, é também o imaginável. Dito de outra forma, a paisagem é o espaço vivido e percebido “com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 2001, p. 19).

Impossível passar pela ponte quando vou a Palmas e não lembrar da minha casa, da minha rotina, da minha vida. Era um espaço meu do qual fui forçada a sair (neste momento dona Raimunda se emociona). Ali criei meus filhos, usava tudo que o rio me dava. Quando disseram que a gente teria que sair porque a barragem ia alagar tudo, entrei em desespero ao saber que ia perder a casa e tudo que construí. Eu sempre vou lembrar da minha casa e da vida que eu levava na beira do rio. Essas lembranças ninguém me tira.⁵

Figura 4: Entrevista com a senhora Raimunda Rodrigues de França no reassentamento Luzimangues.



Fonte: Arquivos do autor, pesquisa de campo, 2016.

A falta da paisagem, do recurso natural e do uso constante e gratuito da água é representada da seguinte forma nas narrativas da senhora Deuzimar:

Eu sinto saudades do rio, da paisagem, quando passo pelo lago fico entristecida em ver os pedaços de árvores, o rio parado, sujo. Tem gente que acha aqueles pedaços de árvore lindos, eu não, não conheceram a paisagem de antes para dizer isso [...]. Na frente de casa, junto com meus filhos e meu marido, tinha horas que a gente sentava na frente de casa, de frente ao rio, e olhava a paisagem da banda de lá, a coisa mais linda que era. Eu estava acostumada com os barulhos dos pássaros, do vento, dos barcos, o céu ficava lindo

⁵ Trecho da entrevista com a senhora Raimunda Rodrigues de França, concedida ao pesquisador Bruno Mendes, em 06 mar. 2016.

no final da tarde. Não tem como você lembrar e não se emocionar, e não tem como não ficar chateada com um lago sujo, são lembranças que deixam a gente triste.⁶

Figura 5: Trecho do reservatório da UHE de Lajeado em Porto Nacional – TO.



Fonte: Arquivos do autor, pesquisa de campo, 2016.

Ao falar sobre memória coletiva e paisagem, podemos compreender que as comunidades atingidas por barragens possuem em suas memórias a vida compartilhada com a vizinhança e as paisagens culturais que viveram.

As paisagens que estão na memória existem a partir da memória das paisagens. Se as paisagens são compostas por lembranças, estas últimas também são compostas de paisagens (FREIRE, 2013, p. 20).

A água é um dos elementos centrais da reprodução não somente material, mas também simbólica das comunidades tradicionais. Ela está presente em inúmeros mitos de criação dessas populações, da qual as divindades separaram as terras firmes. Também aparece nos mitos criadores das próprias sociedades, muitas vezes como dádiva dos deuses aos antepassados. Presente na criação do mundo, as águas são consideradas dádivas divinas abundantes, e por isso mesmo o seu desaparecimento significa o fim da própria sociedade (DIEGUES, 1998).

Um dos grandes atrativos do município de Porto Nacional eram as temporadas da praia Porto Real que se iniciavam no mês de abril e durante o período de férias atraíam visitantes de várias cidades do Tocantins e do Brasil. Além de geração de trabalho e renda, o rio

Tocantins e suas praias eram um espaço que proporcionava momentos de lazer e diversão, descanso com a família, encontro com amigos e namoro ou simplesmente para apreciar e sentir a natureza. A antiga praia Porto Real foi inundada pelas águas da represa em 2002.

Os impactos nas áreas urbanas de Porto Nacional também foram muito significativos, uma vez que uma grande parte da população da cidade dependia do alto movimento do comércio gerado pelas temporadas de praias, e com a inundação muitas famílias perderam essa renda.

Após o deslocamento para os reassentamentos, as famílias ribeirinhas sentiram dificuldades de se adaptar e não encontram os recursos que lhes são essenciais para sobrevivência. São espaços que geralmente necessitam de grandes transformações.

Meu filho, olha, nos primeiros dias que vim morar aqui (refere-se ao reassentamento Flor da Serra) eu fiquei depressiva, quase que morro, meu filho, na Carreira Comprida tinha os vizinhos por perto, meus filhos, eu não ficava sozinha. Quando vim morar aqui, vim sozinha, me sinto abandonada, meus filhos venderam os lotes que eles ganharam, foram embora morar na cidade. [...]. Mas o tempo vai passando e infelizmente a gente vai acostumando. Mas a lembrança, a lembrança a gente não esquece.⁷

Figura 6: Entrevista com a senhora Benigna Fernandes Silva no reassentamento Flor da Serra.



Fonte: Arquivos do autor, pesquisa de campo, 2016.

Quando abordamos o território na temática dos grandes empreendimentos hidrelétricos, a palavra ganha conceitos diferentes para cada lado envolvido nesse processo. No caso da Investco e dos demais

⁶ Trecho da entrevista com a senhora Deuzimar P. de Carvalho, concedida ao pesquisador Bruno Mendes, em 06 mar. 2016.

⁷ Trecho da entrevista com a senhora Benigna Fernandes Silva, concedida ao pesquisador Bruno Mendes, em 06 mar. 2016.

membros do Consórcio Lajeado, além do poder público, que prezam apenas o capital, prevalece o território de recursos naturais gerador de poder. Para as comunidades atingidas pela barragem, o território é visto como lugar de vida, de afetividade, de interação harmoniosa com o espaço, de símbolos e tristezas.

CONCLUSÃO

Acostumados a ver o rio passar, os antigos ribeirinhos se defrontam com o abandono e o isolamento geográfico. Ao relembrem a paisagem e o rio, não se conformam com a mudança radical que seu espaço de origem sofreu. Quando falam de paisagem, não se referem apenas à paisagem natural, mas à paisagem cultural que foi construída por homens e mulheres no decorrer de sua longa convivência com o rio. Para o discurso oficial, o que houve foi um ganho: o rio, ao se transformar em um grande lago, trouxe o progresso para a região. Mas para grande parte da população, o sentimento é de prejuízo: a destruição de uma paisagem cultural, o declínio da economia em favor da atividade turística.

A afirmação dos depoentes, ao dizerem que a hidrelétrica só trouxe um grande lago e doenças, é uma evidência de que não há homogeneidade de opiniões quanto aos efeitos dos “projetos de desenvolvimento”. Outra constatação observada na fala dos entrevistados é que os grandes projetos provocam deslocamentos constantes e contínuos na dinâmica das comunidades atingidas, dificultando ou impossibilitando o seu enraizamento em um novo lugar.

Mesmo com os impactos gerados pela UHE de Lajeado, é muito forte a resistência dos vínculos que ligam as comunidades atingidas às referências culturais que os rodeiam. “A memória é rebelde e ela reafirma a nossa posição no mundo” (BOSI, 1979, p. 452). Nesse contexto, a memória, enquanto instrumento de retenção de informações, é o suporte fundamental para a recomposição da identidade.

As comunidades ribeirinhas mostram a forte dependência que têm da natureza, dos seus modos de vida e ritmos de tempo estabelecidos com o rio, por exemplo, onde tecem suas vidas. A necessidade de sentir, degustar, banhar-se, dessedentar todas as espécies vivas coloca a água doce em primeiro plano, tanto no que diz respeito à realidade como no nível mais profundo do inconsciente. No nível da imaginação, a água doce é sempre privilegiada porque representa a primeira bebida, tão doce quanto o leite materno (PINTO, 2008).

Isso nos leva a considerar que, entre os efeitos do deslocamento forçado por empreendimentos de barragens, são enormes as perdas imateriais, aquilo que não é concreto e que acaba por ser perdido. A destruição de laços e redes sociais acontece com as pessoas obrigadas a saírem de sua localidade, perdendo seus contatos com vizinhos, parentes e amigos. O laço de afetividade e pertencimento com aquela localidade e as formas tradicionais de se ocuparem no território é um traço marcante e importante na formação de um povo (LEITÃO, 2011, p. 7).

Por fim, a pesquisa permitiu destacar a importância dos estudos dos impactos simbólicos, uma vez que são esses estudos que detectam os impactos “silenciosos” e imateriais para os quais não existe qualquer tipo de compensação ambiental. Isso é escondido em um sentimento de saudade. Em geral, os idosos apresentam dificuldades para recomeçar em outro lugar.

AGRADECIMENTO

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pelo financiamento do projeto de pesquisa, à UFT pela concessão da bolsa de iniciação científica PIBIC-IC e à Prof.^a Dr.^a Marina Haizenreder Ertzogue pela orientação da pesquisa.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria de Lorde. **Goiânia uma cidade de migrantes**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Goiânia, 2002.
- BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos, ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, n. 2, nov. 1981, p. 141-163.
- BITTENCOURT, C. M. Meio ambiente e ensino de História. **História e Ensino**. Londrina. v. 9, p. 63-96, out. 2003.
- BOSI, Ecleia. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Editor, 1979.
- BREGAGNOLI, Narayana de Deus Nogueira; ROTHMAN, Franklin Daniel. Impactos socioculturais: os efeitos da Usina Hidrelétrica Cachoeira do Emboque e sua comunidade atingida. **Revista Agrogeoambiental**, v. 6, n. 1, abr. 2014.
- DIEGUES, A. C. **Ilhas e mares, simbolismo e imaginário**. São Paulo: Hucitec/Nupaub, 1998.
- FREIRE, Janaina Mourão. **Imaginário e paisagem na memória de seringueiros do Estado do Acre**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Geografia, Goiânia, 2013.
- LEITÃO, Eduardo da Silva. Barragens: um enfoque sobre paisagem cultural e patrimônio. **Revista Geográfica de América Central**. Número Especial EGAL, 2011, Costa Rica. II Semestre 2011, p. 1-9.
- MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- PARENTE, Temis Gomes. Gênero e memória de mulheres desterritorializadas. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 99-111, jan/jun 2007.
- PARENTE, Temis Gomes; MIRANDA, Cynthia Mara. Impactos socioculturais e gênero nos reassentamentos da Usina Luís Eduardo Magalhães – TO. In: **Varia História**, Belo Horizonte, v. 30, n. 53, p. 557-570, mai/ago 2014.
- PINTO, M. C. O. B. S. A Amazônia e imaginário das águas. In: I Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia. **Anais...** Manaus: 2008.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TUAN, Y. **Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.